

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16
Cássio Eduardo Rodrigues Serafim
Marluce Pereira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Travesti – gênero – inserção social

A inserção da travesti no cotidiano social: o uso do banheiro público

Introdução: “Ela só queria usar o banheiro.”

Neste texto, tentamos problematizar uma experiência que nos parece trivial no cotidiano de todos nós ou, pelo menos, de sua maioria: o uso do banheiro público. Enquanto pode parecer-nos trivial, para outros indivíduos pode tornar-se excepcional, inusitada e até constrangedora, como acontece com travestis, que são coagidas a dar respostas acerca de sua identidade sexual e de gênero constantemente. Dizemos isso, porque foi o que ocorreu com uma travesti num supermercado de Natal. Quando ia passar pela porta sobre a qual havia uma placa com a expressão *Banheiro feminino*, um segurança abordou-a, tentando impedi-la de entrar, sob o argumento de que aquele banheiro era para mulheres. Ela disse que aquele era o feminino e que na placa não estava grafado banheiro de ou para mulheres. Como se considerava feminina, julgava correto e oportuno o uso daquele. Porém, o rapaz afirmou que, se estava escrito feminino, é porque era para mulheres. Em seguida, ele lhe sugeriu utilizar o outro, em cuja placa era registrada a expressão *Banheiro masculino*, sob a justificativa de que outras travestis o usavam, quando freqüentavam aquele supermercado. Ela descartou tal sugestão e justificativa, pois, caso aceitasse, não só se submeteria a certos constrangimentos devido à presença de homens que estivessem lá e que a pudessem discriminar. Além disso, concordaria com a comparação feita pelo segurança, quando se referiu a outras travestis, pois é importante que saibamos que a avenida em que se localiza aquele estabelecimento comercial é conhecida por dar acesso a um importante ponto turístico da cidade e por ser ponto de prostituição de travestis, mulheres e homens. É imprescindível informarmos que aquela travesti é uma estudante universitária, professora e mestranda.

Em qual dos banheiros devem entrar? Qual devem usar? Talvez o verbo adequado seja *poder*. Elas bem sabem em qual deles entrar para satisfazer as suas necessidades pessoais. Porém, logo as interpelam quando entram seja naquele que é utilizado por homens seja naquele que é utilizado por mulheres. Os primeiros, alguns deles, tecem comentários pejorativos, “brincam” de modo desagradável, fazendo questão de apontar as travestis como não-homens. As segundas, algumas delas, agem de forma quase semelhante, fazendo questão de apontar as travestis como não-

mulheres. Por vezes, estas são vítimas de violência física, como sucedeu com Riki Dennis, uma transexual estadunidense “que já foi atacada em um banheiro feminino” (MIXBRASIL, 2005).

De acordo com conversas informais com travestis e pessoas próximas a elas, percebemos que esse fato se mostra corriqueiro na vida daquelas. Podemos basear tal afirmação também em notícias que divulgam a reivindicação ou a criação de banheiros exclusivos para travestis, transexuais e congêneres. Essas ações não ocorrem apenas no Brasil, mas também em outros países. No site da organização Mix Brasil, cujo conteúdo busca atender aos anseios e interesses de pessoas que se auto-identificam como homossexuais ou que simpatizam com esses, os títulos de algumas notícias nos dão uma rápida idéia da amplitude desse problema que aflige as travestis e outros membros do universo trans¹: “Viradouro cria ‘banheiro gay’ e gera polêmica no Rio”, “Transexuais lutam por banheiros unissex nos EUA”, “Universidade na Tailândia cria banheiro para travestis” (MIXBRASIL, 2006; 2005; 2004; respectivamente.).

Esses registros do problema justificam a nossa reflexão e a necessidade de um debate que articule o uso de determinados espaços coletivos e a inserção social de travestis e outros sujeitos que possam não se enquadrar nos padrões impostos pela sociedade, quanto a identidades de gênero, de sexo, entre outras. No caso desses sujeitos, o acesso a tais espaços parece associar-se a práticas discursivas que insistem em instituir um verdadeiro sexo e um verdadeiro gênero para corpos específicos. No século XIX, a justiça e a medicina tinham o direito e o dever de inquirir qual o verdadeiro sexo de um indivíduo (FOUCAULT, 2004). No século XXI, que instituições fazem isso? Qual a função daquela placa sobre a porta dos banheiros? Qual o efeito de poder que a constitui e que é constituído por ela? Lançamos questões que talvez não recebam respostas neste momento, mas que nos ajudam a ponderar esse assunto. Portanto, acreditamos que pensar sobre o banheiro a ser usado por uma travesti implica pensar questões sugeridas pelas teorias contemporâneas sobre identidades e, em especial, sobre gênero, as quais, além de problematizar as várias identidades sociais, também indagam sobre o que é ser mulher e o que é ser feminino, bem como sobre o que é ser homem e o que é ser masculino na contemporaneidade.

Homens masculinos, mulheres femininas, travestis masculino-femininas...

Nos estudos iniciais sobre homens e mulheres ou sobre gênero, as reflexões eram elaboradas predominantemente em torno das características biológicas, melhor, a partir delas, gerando não apenas significados sobre os indivíduos, como também efeitos de poder. Com o decorrer do desenvolvimento dos esforços investigativos, passou-se a focalizar aspectos socioculturais em torno do comportamento daqueles, bem como dos objetos materiais relacionados aos mesmos, fundamentando informações atribuídas ao feminino e ao masculino em ações, costumes, condutas,

vidas de mulheres e homens, em contextos socioculturais específicos. Isso implica que noções de gênero variam espacial e temporalmente, embora persistam práticas discursivas que insinuam uma essência feminina e uma masculina. Desde o final do século passado, muitos estudos de gênero vêm priorizando uma postura relativista – o que favorece a desconstrução de certos significados de gênero e imputa a necessidade de relativizar também a concepção de gênero a partir de contextos socioculturais, para não cairmos num determinismo cultural equivalente talvez ao determinismo biológico anterior. Quando pensamos em situações como aquela citada, envolvendo travestis no simples uso de um banheiro, suspeitamos ainda viver uma espécie de luta contra as genitálias ou contra certos efeitos de sentidos que emanam delas.

É importante atentarmos para isso, porque sabemos que os seres humanos – e os seus corpos – são afetados por discursos já antes do nascimento, quando ainda se encontram no ventre das mães (LOURO, 2004). Butler (2003, p.26) alerta para explicações segundo as quais “[...] a idéia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”, sempre afetando a mobilidade dos indivíduos classificados como pertencentes a esse ou àquele sexo, àquele gênero, aprisionando-os em esferas da vida separadas ou não. É verdade que práticas discursivas e efeitos de poder continuam e continuarão a agir sobre as materialidades corporais, mas espera-se que não sejam os mesmos discursos e poderes em exercício noutros momentos históricos; e, se aqueles ainda circularem em nossa sociedade, é necessário que aconteçam paralelamente a outros.

Os modelos de identidades e papéis de gênero são produzidos a partir de regimes de verdade que implicam efeitos de poder sobre corpos e vidas de indivíduos comuns. No entanto, essas práticas, originárias de uma matriz heterossexista e falocêntrica, não estão imunes à alteração. Essa matriz parece afetar, de modo unívoco, todos os sujeitos a partir da aparente coerência do gênero e do binarismo atribuído ao sexo e ao gênero. Essa univocidade, coerência e estrutura, conforme Butler (2003, p.59), “são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista”. Se a resistência é imprescindível para o exercício de poder, os sujeitos podem resistir, questionando essas identidades que lhes são impostas, tornando identidades claras em opacas, incertas, descentralizadas.

Uma grande importância da convivência com pessoas que se inserem no universo trans é a nossa exposição à certeza de que as identidades podem ser reelaboradas ou que estão em processo permanente de constituição. Travestis montam o seu corpo e transformam o seu gênero ou, pelo menos, contribuem para isso, como também colaboram para outros sujeitos questionarem os seus jeitos de ser homem e de ser mulher. Podemos acreditar que isso se faz possível porque o corpo

travesti é linguagem, forma de comunicação, de expressão e de ação, como exposto por Benedetti (2005, p.55):

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos.

As travestis – como outras personagens do universo trans – demonstram o caráter performático das identidades, em especial as de gênero e de sexo. Elas utilizam de instrumentos disponibilizados pela matriz heterossexista e falocêntrica, fabricando um corpo considerado feminino sobre um suporte primário que é o corpo do macho, comprovando que a feminilidade não está atrelada à fêmea, mas pode ser inventada, assim como a masculinidade. De certo modo, Segato (1997) já havia apontado tal invenção em espaços de convivência entre pessoas que possuem o mesmo sexo biológico, como conventos, mosteiros, presídios etc. Para a autora, as relações de gênero são aí exercidas por meio da possibilidade de permuta de significados sociais de gênero, já que este é visto não como algo concreto, observável, mas como uma estrutura de caráter abstrato, como transposições do campo cognitivo para o empírico, como posições relativas e possíveis de serem representadas por corpos de homens e/ou de mulheres no cotidiano, desvinculadas de um binarismo obrigatório.

Nesse sentido, principalmente quando no nosso dia-a-dia interagimos com sujeitos cujas identidades se mostram em trânsito, devemos aprender a relativizar a possível essência dos gêneros sociais, compreendendo-os como posicionamentos discursivos provisórios concernentes à raça, sexualidade, idade..., que podem alterar-se de acordo com as condições de interação de que os sujeitos participam (HALL, 2004). As *drags*, as travestis, os próprios homens, as próprias mulheres se empenham em desconstruir significados que lhes foram atribuídos de modo a afetar a sua mobilidade negativamente e se interessam em construir novos significados. Na época em que vivemos, feminino e masculino são adjetivos que podem ser associados aos dois sexos biológicos. Como exemplo, tomemos a travesti: biologicamente é macho, mas socialmente muitas delas exercem o papel social de mulher e se comportam de maneira considerada feminina. Essa parece ser mais uma questão para o feminismo contemporâneo, carecendo repensar o sujeito que representa. Se teorias críticas pós-modernas discorrem sobre o surgimento de identidades múltiplas e heterogêneas, não dicotômicas, talvez as teorias e o movimento feministas devam abdicar do binarismo feminino/masculino como estruturante das relações sociais e de poder entre as pessoas (SORJ, 1992).

Considerações finais: em qual dos banheiros ela entrou?

Na contemporaneidade, há cada vez mais práticas que concorrem para constituir sujeitos híbridos, diaspóricos, que estão afetados e a afetar – no sentido de resistir – forças que insistem em tentar excluí-los do convívio pacífico com outros cidadãos e que teimam a assujeitá-los a suas próprias identidades, como se essas ainda fossem fixas, homogêneas. Às vezes, conseguem, mas não o fazem sem que sintam o exercício de poder por parte desses que podem parecer excluídos. A resistência deles cooperam para percebermo-nos como inventados, como produtos de regimes de verdade e de poder, como objetos de práticas discursivas. Travestis, *drags queens*, metrossexuais... homens e mulheres que seguiram piamente os modelos identitários disponibilizados pela matriz do heterossexismo e do falocentrismo vêm-se mostrando dispostos a desconstruir certos modos de exercer a masculinidade e a feminilidade, a fim de construir e experimentar outros possíveis.

Infelizmente, acontecimentos que buscam aprisionar-nos a modos de ser homem e mulher a partir do nosso aparelho sexual externo não são práticas discursivas esquecidas nas memórias. Ressurgem no dia-a-dia de todos nós, mas, em especial, daqueles sujeitos cujas marcas corporais põem à prova as identidades monolíticas que alguns tanto nos querem obrigar a absorver pela garganta, pela pele, pelo fio do cabelo, pelas genitálias. Pensar a identidade de gênero hoje não nos permite pensar que feminino é só aquilo atribuído à mulher e masculino, aquilo atribuído ao homem. Atualmente, em início do século XXI, inúmeros sujeitos ainda se encontram silenciados pela História. São muitos os registros que escamoteiam a existência de indivíduos que insistem em questionar a norma, pondo-se em movimento constante entre lugares, espaços, identidades. Em termos de sexo e de gênero, são bastantes aqueles cujas identidades se encontram em trânsito: travestis, *drag queens*, metrossexuais etc. Todos eles esperam pelo nosso olhar e pelo nosso fazer, a fim de que possam, pelo menos, usar um banheiro em paz.

Quem não ficou ansioso para saber em qual dos banheiros a travesti citada no início do texto entrou e até se entrou em algum deles? Acredito que muitos de nós. Corajosamente, ela argumentou que era feminina e que se encontrava na mesma situação daquelas travestis mencionadas pelo segurança. Até perguntou ao rapaz se ele está vendo alguém mais feminina que ela por ali. Entrou, sim. Quando saiu, deparou-se com outro constrangimento: a ameaça de ser abordada por polícias. Mais uma vez de maneira corajosa, ela disse que iria à delegacia de polícia, mas juntamente com o gerente e com o seu advogado. Ah, mas nessas horas, o gerente sempre está ocupado! Sendo assim, ela disse que não iria: com o gerente ou nada feito. Nada feito, para eles! Nenhum representante do supermercado encarou a possibilidade de esclarecer aquele fato numa delegacia. Ao contrário deles, ela não desistiu de lutar pelo direito de usar um banheiro sem ser constrangida e, por isso, está movendo uma ação judicial contra aquele estabelecimento comercial.

Referências bibliográficas

- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. [1980]. O verdadeiro sexo. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MIXBRASIL. *Universidade na Tailândia cria banheiro para travestis*. 18 jun. 2004. Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/mundomix/centralplus/noticia.asp?id=741>. Acesso em 10 de junho de 2006.
- MIXBRASIL. *Transexuais lutam por banheiro unissex nos EUA*. 8 mar. 2005. Disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/11_101_32304.shtml. Acesso em 10 de junho de 2006.
- MIXBRASIL. *Viradouro cria “banheiro gay” e gera polêmica no Rio*. 13 jan. 2006. Disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/11_101_33921.shtml. Acesso em 10 de junho de 2006.
- SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v.XII, n.2, p.235-262, jul./dez. 1997.
- SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

¹ Usamos a expressão *universo trans* no mesmo sentido posto por Benedetti (2005, p.17), que justifica a sua preferência pelo uso de tal expressão “em função de sua propriedade de ampliar o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de ‘transformações do gênero’”, abrangendo aqueles que agem sobre os seus corpos, montando-os e questionando-os sob o julgo de determinadas práticas discursivas consideradas normais, – travestis, transexuais... –, e aqueles gays e lésbicas que se aproximem dos padrões sociais instituídos em relação a papéis e identidades de gênero, embora estes últimos sofram menos constrangimentos ao transitarem por certos espaços, como o banheiro público, por exemplo.